

*O Tempo Presente:
A Natureza Humana Pode Mudar?*

MARX: Não corei por ficar envergonhado, Sócrates, ou por ser incapaz de te responder – corei por estar enraivecido com tua injustiça. Até agora, tua crítica de minha filosofia da história – ou melhor, apenas de sua primeira frase – não foi histórica, mas meramente lógica. Usaste aquela lógica abstrata e atemporal que tu inventaste, em vez daquela lógica da história, concreta e mutável, que aprendi de Hegel, de modo que tua crítica é tão injusta quanto se criticasses uma dança por não obedecer às leis da pintura.

SÓCRATES: Muito me agrada que começas a argumentar logicamente, Karl, mesmo ao argumentares contra a lógica, pois mesmo uma lógica ruim é melhor que uma boa propaganda. Também me apraz que apeles a uma justiça universal e atemporal à qual tu esperas que ambos estejamos submetidos, muito embora tua filosofia não aceite a existência dessa sorte de justiça. Tua prática parece contradizer tua teoria. Assim, talvez devêssemos prestar menos atenção à tua teoria que à tua lógica – e o mesmo no referente ao comunismo.

MARX: Não há qualquer contradição. Sustento tanto minha teoria quanto minha prática, e igualmente no que diz respeito ao comunismo.

SÓCRATES: Pois bem, procede então com tua nova lógica dialética e desenvolve-me tua filosofia da história, assim como uma teia de aranha é desenvolvida a partir de seu primeiro fio. Toda a tua filosofia da história se origina daquele pressuposto que acabamos de examinar e que descobrimos ser questionável: que toda história passada não é mais que oposição e conflito de classes. Já examinamos o primeiro fio de tua teia, mas ainda não te demos a chance de mostrar-nos o restante dela.

MARX: Fazes troça de minha aparência, Sócrates, comparando-me a uma aranha?

SÓCRATES: Eu? Caçoar do semblante de outro homem? Olha bem para mim, Karl. Eu te asseguro, já fui chamado de coisas piores que "aranha". Mas não, não tive a intenção de zombar de ti, apenas de examinar teu livro.

MARX: Pois façamo-lo, Ó mestre teorista, em vez de apenas falarmos em fazê-lo!

SÓCRATES: *Touché*. Após resumires toda a história passada como opressão, resumes também a significância do tempo em que viveste – o século dezenove – como oportunidade. Por fim, tu profetizas que o futuro guardará o triunfo do comunismo. Esse é um sumário justo, em três frases, de tua filosofia da história?

MARX: Até onde ele vai, sim.

SÓCRATES: Pois agora devemos proceder a teu segundo ponto: a diferença entre todas as eras passadas e tua era presente. Em uma palavra, em que dizes constituir essa diferença?

MARX: Na burguesia. Como escrevi em seguida, "Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas..."

SÓCRATES: Perdoa-me por interromper, mas esse ponto me parece digno de nota: quase todas as outras pessoas, se questionadas acerca da diferença entre a sociedade moderna e as sociedades anteriores, diriam que a moderna é *mais* complicada – mas tu dizes que é menos!

MARX: Sim, eu digo. E eu apreciaria se não me interrompes-

ses novamente, porque...

SÓCRATES: Não posso te prometer isso.

MARX: Lá vens tu outra vez! Como se espera que...

SÓCRATES: Quem pensas que está a esperar algo de ti?

MARX: Acabas de me interromper...

SÓCRATES: Novamente. Sim, estou a provocar-te, Karl. Cadê teu senso de humor?

MARX: O *Manifesto* é uma coisa séria!

SÓCRATES: Oh, sim, de fato é – terrivelmente séria. Mas esperava encontrar em ti algumas coisas que não encontrei em teu livro, tal como um senso de humor em tua alma.

MARX: Encontrarás em mim apenas carne, e ossos, e cabelos, e unhas, e cérebro, e sistema nervoso – mas nenhuma "alma".

SÓCRATES: Hum... é isso que temo. Mas vem, chega de provocações. Termine tua leitura; já terminei minhas interrupções.

MARX:

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassalos, mestres, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, gradações especiais.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez senão substituir novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta às que existiram no passado.

Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.

SÓCRATES: Consideremos esse ponto antes de passarmos ao que se segue. Essa é uma versão mais detalhada de teu primeiro ponto – de que toda a história é a história dos conflitos de classe –, e as palavras que usas para todas as relações entre as classes são palavras bélicas: “antagonismos”, “opressão”, “luta”, “campos opostos”.

MARX: Nós já discutimos acerca disso. O que há de novo aí é que a batalha de classes foi reduzida em quantidade: agora existem apenas dois exércitos.

SÓCRATES: Mas, para avaliarmos teu novo argumento, precisamos entendê-lo; a fim de entendê-lo, temos de entender seus termos. Logo, por favor, conta-me exatamente o que queres dizer ao empregares estes dois novos termos com os quais defines a situação social de teu tempo: a “burguesia” e o “proletariado”.

MARX: A burguesia é a classe daqueles que detêm os meios de produção.

SÓCRATES: Produção de quê?

MARX: De riqueza social. E, no capitalismo, esses indivíduos são os capitalistas, isto é, aqueles que têm capital – uma riqueza que está muito além do necessário para a sobrevivência e subsistência básica dessas pessoas, e que elas podem investir com juros, tornando-se, assim, mais ricas. Com efeito, no capitalismo, quanto mais rico alguém é, mais rico pode vir a ser, e mais depressa. Assim, os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres.

O proletariado, por outro lado, são aqueles que não detêm os meios de produção e que, portanto, a fim de sobreviverem, têm de vender a si mesmos como trabalhadores em troca de salários pagos a eles pela burguesia, pelos capitalistas. Vês, trata-se da relação mestre-escravo em vocabulário econômico.

SÓCRATES: Crês que o conflito entre ricos e pobres, entre aqueles que “têm” e aqueles que “não têm”, é inevitável, então?

MARX: Não é só entre os ricos e os pobres, isto é, entre aqueles que têm riquezas e aqueles que não as têm, mas sobretudo

entre aqueles que têm o poder de produzir maiores riquezas e aqueles que não o têm.

SÓCRATES: Logo, concentras-te mais no poder que apenas na riqueza e também mais no controle do futuro que no controle do presente.

MARX: Pode-se dizer que sim, mas meu ponto principal acerca de meu tempo presente é que, a partir de então, passou a haver apenas uma classe de ricos e uma de pobres, de modo que não há mais conflito dos ricos entre si ou dos pobres entre si, mas apenas o conflito remanescente entre essas duas classes, e o significado prático desse fato é enorme: pela primeira vez na história, uma única revolução mundial de proletários pode abolir a burguesia e, assim, abolir o conflito de classe, que é o motor de toda a história.

SÓCRATES: Então tal revolução realmente traria o fim da história!

MARX: Sim.

SÓCRATES: Que alegação extraordinária! Assim, o fim da história ocorrerá em algum momento da história.

MARX: Isso não é uma autocontradição lógica, como parece ser. Na verdade, verás que é perfeitamente lógico, se apenas olhares para seu conteúdo material, em vez de sua forma abstrata – em outras palavras, se fores científico, como eu, e não abstratamente filosófico, como tu. A história é mudança; logo, sem mudanças sociais, não há história. Como a causa das mudanças sociais é o conflito de classe, sem conflito de classe também não há história – ao removeres a causa, removes também o efeito. Porém, o conflito de classe só pode cessar se, e somente se, não houver mais classes, e isso só pode ocorrer quando o número de classes é reduzido a dois, de modo que a eliminação de uma classe pela outra crie uma sociedade sem classes. E isso é a revolução comunista. Portanto, a história só pode acabar por meio da ação histórica da revolução comunista.

SÓCRATES: Essa é certamente uma história fascinante. Resta saber se é fato ou ficção.

MARX: O que queres dizer com “fato ou ficção”?

SÓCRATES: Ora, se o que dizes é verdade, é claro.

MARX: E como pretendes descobrir isso?

SÓCRATES: Já que o fim da história ainda não aconteceu, não podes saber se o que disseste é verdadeiro ou falso por observação empírica.

MARX: Mas dizer que ele ainda não aconteceu, que ainda não foi observado, não prova que o que eu disse é uma ficção. Mas o fim da história *será* observado, quando ele ocorrer.

SÓCRATES: No entanto, ainda não podemos observar o futuro e, logo, não podemos verificar ou refutar tua ideia agora.

MARX: E, por isso, concluis que ela não é uma ideia científica?

SÓCRATES: Não, eu não disse isso. Mas digo que há uma segunda forma de testar uma ideia, mesmo uma ideia científica, além da observação empírica.

MARX: Impossível. Se algo não é empírico, também não é científico.

SÓCRATES: Supõe que uma teoria científica contenha uma autocontradição lógica: isso não comprovaria a falsidade dessa teoria?

MARX: Na verdade, não! A história é feita de contradições ambulantes. Tua lógica rejeita as contradições porque rejeita a história, mas a lógica de Hegel, a minha lógica, as acolhe. Isto é o que move a dialética da história: a contradição entre tese e antítese.

SÓCRATES: Ah, estou perfeitamente disposto a conceder-te, para fins argumentativos, que Hegel está certo acerca de sua dialética e que tu também estás, mas essa dialética não envolve *contradições* e sim *contrariedades*.

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: Quente e frio, bem e mal, visível e invisível são pares de opostos ou de *termos* contrários e podem facilmente coexistir; por exemplo, um homem pode ser, ao mesmo tempo, bom e mau, ou visível (em função de seu corpo) e invisível (em

função de sua alma). Não são dois *termos* que podem ser contraditórios, ou duas coisas reais designadas por um termo, mas duas *proposições* e, embora dois termos contraditórios possam estar presentes em um ser real ao mesmo tempo, como quando o bem e o mal estão presentes em um só homem, duas proposições contraditórias não podem ambas ser verdadeiras a um só tempo. Por exemplo, conquanto Sócrates possa ser bom e mau simultaneamente, que Sócrates tenha bondade e que Sócrates não tenha bondade não pode ser verdade ao mesmo tempo.

MARX: Mas Sócrates pode ser bom e mau ao mesmo tempo. Tu mesmo admites isso. Tu podes ser essa contradição ambulante.

SÓCRATES: Não, isso é diferente, isso não é uma contradição; por essa razão é que precisamos de uma palavra diferente para designar esse fenômeno. Com efeito, na lógica, a palavra tradicional para ele é *contrariedade*, ou *oposição*, e tu estás equivocado em chamá-lo de contradição.

MARX: Obrigado, criador da lógica, por tua lição sobre jogos abstratos de palavras.

SÓCRATES: Pois hei de transformá-la em uma lição de história prática e concreta. Olha só – dizes que a história terminará por razão de uma revolução comunista. Vós, comunistas, dizeis que essa proposição é verdadeira, não é?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Mas os vossos oponentes, os anticomunistas, dizem que ela é falsa, certo?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Assim, os comunistas e os anticomunistas contradizem uns aos outros, de modo que a proposição na qual alguns acreditam deve ser verdadeira e aquela na qual outros acreditam deve ser falsa.

MARX: É claro. Nisso, não contradigo o mundo.

SÓCRATES: Mas em *que* contradizes o mundo? O que falas acerca da história e da contradição que o mundo não sabe?

MARX: Que tanto o comunismo quanto o anticomunismo são partes necessárias à dialética e que, portanto, ambos são verdadeiros com relação a seu lugar na história. Logo, as contradições são tanto verdadeiras quanto necessárias.

SÓCRATES: Talvez ambos sejam *necessários*, mas, então, um será uma verdade necessária e o outro uma falsidade necessária.

MARX: Podes colocar a coisa dessa forma, mas, embora o capitalismo seja falso desde o ponto de vista comunista, ele é verdadeiro desde o ponto de vista capitalista.

SÓCRATES: Se isso é verdade, então o ponto de vista capitalista, em si mesmo, não é verdadeiro, mas o ponto de vista comunista é. Em outras palavras, o capitalismo é falso, mas o comunismo é verdadeiro.

MARX: Pareces estar concordando comigo, mas não creio que esteja de fato. Suspeito, Sócrates, que quando dizes que “o capitalismo é falso, mas o comunismo é verdadeiro”, estejas fazendo referência a uma verdade universal, abstrata, atemporal e não histórica. É aí que divergimos: eu não creio nesse tipo de verdade. Eu acredito que a verdade mesma muda ao longo da história.

SÓCRATES: Negas, pois, que possamos saber que uma teoria científica é falsa simplesmente por ela contradizer logicamente a si própria?

MARX: Dá-me um exemplo.

SÓCRATES: Supõe que alguém proponha a teoria de que Júlio César tenha sido assassinado por Karl Marx. Digo que podemos saber que essa teoria é falsa pelo simples fato de que contém uma autocontradição, a qual todos podemos reconhecer – e é por isso que todos sabemos ser falsa essa teoria.

MARX: Que autocontradição?

SÓCRATES: Todos sabemos que um homem vivo não pode ser assassinado por um homem que não está vivo – e todos nós sabemos que César foi assassinado quando tu ainda não estavas vivo.

MARX: Está certo, então. Concordo que uma teoria que se contradiga dessa forma deve ser falsa. No entanto, nada em minha teoria é autocontraditória dessa maneira.

SÓCRATES: É isso que devemos investigar agora, pois se encontrarmos tal contradição em tua teoria, saberemos que a teoria é falsa.

MARX: Mas debes interpretá-la corretamente, pois é muito fácil encontrar contradições aparentes.

SÓCRATES: Deveras. Assim, teremos de compreendê-la antes de testá-la, e é por isso que eu insisto em definir os termos antes de testar as proposições por meio de argumento.

MARX: Vai em frente, então. Já me canso de toda essa lógica geral, abstrata e vazia.

SÓCRATES: Pois eis aqui algo denso, concreto e específico: vejo três coisas na passagem que leste há pouco que parecem conter contradições. Talvez não contenham de fato; talvez eu não as tenha compreendido direito. Logo, debes explicar-me o que queres dizer com cada uma delas.

MARX: Ficarei feliz em esclarecer-te, Sócrates. Se pensas ver qualquer contradição no que falei, tenho certeza de que não o entendeste corretamente.

SÓCRATES: Veremos. Eis minha primeira pergunta: dizes que o conflito *somente* pode cessar quando todas as classes forem eliminadas, exceto uma, correto?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Então, não pode haver conversão, ou mudança de ideia, ou mudança na natureza humana, de belicosa a pacífica, antes de tua revolução?

MARX: Não pode haver e não houve.

SÓCRATES: E em teu presente histórico, teu século dezenove, encontram-se apenas duas classes remanescentes, a burguesia e o proletariado, correto?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E é o proletariado que há de se levantar e revoltar-se contra seus opressores, correto?

MARX: Sim. A burguesia certamente não irá se levantar contra o proletariado, pois ela precisa dele, mas o proletariado não precisa da burguesia. É a “dialética senhor-escravo” de Hegel: o senhor é escravizado por seu escravo, isto é, por sua necessidade de seu escravo. Por isso é que os senhores nunca se revoltam contra seus escravos, mas apenas estes contra aqueles.

SÓCRATES: Entendo. Logo, em tua estória, os proletários são os heróis e os burgueses são os vilões.

MARX: Historicamente falando, poder-se-ia dizer isso. Mas não apelo a qualquer verdade atemporal para fazer tal juízo.

SÓCRATES: E os homens dessas duas classes têm duas naturezas diferentes, uma boa e a outra má?

MARX: Não; eles não podem evitar agir da forma que agem.

SÓCRATES: Se pegássemos cada membro da burguesia e os tornássemos proletários, simplesmente privando-lhes de sua posse dos meios de produção, eles agiriam então como burgueses ou como proletários?

MARX: Como proletários.

SÓCRATES: E se pegássemos cada proletário e o fizéssemos um membro da burguesia, dando-lhe a posse dos meios de produção, ele agiria como burguês ou como proletário?

MARX: Como burguês.

SÓCRATES: Logo, os homens não estão divididos entre bons e maus, ou egoístas e altruístas, mas entre burgueses e proletários?

MARX: Sim. Todos os homens são egoístas; eles apenas agem de maneiras diferentes por serem membros de classes diferentes.

SÓCRATES: Entendo. Portanto, se todos os homens são egoístas, e se a natureza humana não se modifica ao mudarmos os homens de classes sociais, então teu comunismo também

não irá mudar a natureza humana. Os homens continuarão a ser tão egoístas e competitivos após a revolução quanto eram antes dela. Assim, a história *não* terminará, e a luta há de continuar.

MARX: Não, não, tu não entendeste, Sócrates. A natureza humana é maleável. Se mudarmos a estrutura de classes, mudamos o conteúdo dessa natureza, assim como, ao mudarmos as palavras em um documento, mudamos o significado dele. Assim, a revolução produzirá um novo homem, desprovido de conflitos e antagonismos. Como eu disse em minha *Crítica do Programa de Gotha*, os homens viverão de uma forma que flua “de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo suas necessidades”, e na qual “o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos”. Ninguém será deixado para trás, ninguém será escravizado ou oprimido. A revolução mudará radicalmente tanto a natureza humana quanto a história.

SÓCRATES: Assim, a natureza humana é mutável.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Por que, então, ela jamais pode mudar *antes* da revolução? Por que um homem egoísta não poderia se tornar altruísta antes de 1848? Já não ocorreu de pecadores virarem santos? E por que o mesmo não poderia acontecer a mais de um homem? Por que não uma sociedade inteira de tais homens altruístas e pacíficos?

MARX: Porque a causa suficiente de tal mudança só vem com a revolução. Apelos morais e religiosos não conseguiram operar essa mutação e nada mais serão que ideais abstratos, não realidades concretas, até que a estrutura social seja alterada radicalmente, pois estruturas sociais egoístas produzem indivíduos egoístas.

SÓCRATES: Pergunto-me se faz sentido usar a palavra “egoísta” para descrever não apenas um homem, mas uma estrutura social.

MARX: Não obstante, faz sentido. Uma estrutura social ego-

ista é aquela que propicia conflitos de classe; por outro lado, uma estrutura social altruísta é aquela que está livre desses mesmos conflitos.

SÓCRATES: Por que não podemos agir de maneira altruísta mesmo quando vivemos em uma “estrutura social egoísta”?

MARX: Porque nossas estruturas sociais determinam a forma como agimos.

SÓCRATES: Pois é essa alegação que devemos investigar agora.